

MOVIMENTO POR TERRITORIALIDADE, ANTIGAS QUESTÕES, NOVAS POSSIBILIDADES: O MDTX

Reinaldo Corrêa Costa – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
rei@inpa.gov.br

No contexto dos temas que envolvem questões sociais, estes fazem-se visíveis pela ação dos movimentos sociais, nesse seu surgimento, seus idéias e suas reivindicações tornam-se projeções sociais e políticas a serem observadas. Dessa forma o surgimento de movimentos sociais que lutam por territorialidade logo estão no contexto das relações sociais, nesse sentido o político e social estão na produção de sua existência como resistência a processos de maior escala, como o modo de produção dominante, isso ocorre via movimentos sociais que se apropriam de espaços tornando-os territórios, de vida, de trabalho, ente outros. Nessa abordagem, a junção entre o social e o político é imprescindível, é um ponto inicial para as análises do papel dos movimentos sociais, onde categorias de circunstância (atingidos, sem terra) atrelam-se a outras de sentido permanente (povos tradicionais, índios), onde a primeira vista não há predominância de uma classe, mas na essência são especificidades de classe (ALMEIDA, GOHN, MARX). Ao se constituírem como movimentos sociais que fazem luta pela territorialidade, aparecem aos olhos das classes dirigentes como sendo de sentido rebelde, de radicais, enfim de classe incômoda (SHANIN). No eixo Xingu-Transamazônica, polarizados pela cidade de Altamira (PA) surge o MDTX (Movimento em Defesa da Transamazônica e Xingu). Por isso o procedimento adotado foi o cruzamento de informações agregando-as não só por sujeitos-sujeitantes e também como sujeitos-sujeitados dentro das temáticas envolvidas tais como: hidroelétricas, luta pela terra, formação de latifúndios, políticas governamentais, sejam de dinâmica local ou não. O que sobressai nesse contexto foi que no espaço há luta pela territorialidade em bases de inserção social de grupos com uma lógica de economia moral e que essa moral é expressa nas lutas de classe e esta ocorre também nos circuitos e escalas de mercado e nas territorialidades específicas, que são relações sociais reais, concretas e históricas.

Na resistência cotidiana, os camponeses procuram em suas territorialidades mais diretamente no lote (unidade territorial familiar), se articulam, com seus interlocutores, em ações estratégicas de políticas socialmente justas principalmente

visando o conjunto, de garantir o território construído dentro de uma fração do espaço. Organizam-se e lutam por recursos/investimentos públicos como o FNO-Especial, criaram associações de pequenos produtores para melhor escoar a produção, trabalho mormente em família, ou quando necessário fazem o mutirão, isso tudo para inserirem-se em circuitos específicos de mercado, conforme sua escala de produção social e de mercadorias. Como forma de agregar algum valor social e melhorar a qualidade da (re)produção social.

Atacados pelos processos de apropriação do mercado, derruição e expropriação de território pelo modo capitalista de produção, por suas diferentes territorialidades, índios e camponeses, que historicamente têm (re)existido, numa rebeldia, como classe incômoda (SHANIN: 1972), contra estas regras ditas de desenvolvimento que é imposta a determinados grupos sociais. Não sem confronto com outros grupos sociais de interesses diversos e opostos, como empreiteiros, latifundiários, políticos sem preocupações sociais dignas, comerciantes, entre outros. Em ações recentes a CPT, o CIMI, os STRs, o MDTX e o MAB, influenciados, entre outros, pela Teologia da Libertação, formam um teia, uma rede, elos de resistência social de transformação para o campo, muito além de sua territorialidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Universalização e Localismos: movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia. In: Silveira, ISOLDA M. *et. al.* (org.) Amazônia e a Crise da Modernização. Belém. MPEG. 1994.

GOHN, Maria da Glória. Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. Editora Loyola.

MARX, Karl. Miséria da Filosofia. São Paulo. Exposição do Livro. s/d.

SHANIN, Teodor. La clase incómoda Sociología política Del campesinado em uma sociedad em desarrollo (Rusia 1919-1925). Madri. Alianza Editorial. 1972.. Madri. Alianza Editorial. 1972.

MOVIMIENTO POR TERRITORIALIDAD, ANTIGUAS CUESTIONES, NUEVAS POSIBILIDADES: EL MDTX

Reinaldo Corrêa Costa – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
rei@inpa.gov.br

En el contexto de los temas que envuelven cuestiones sociales, estos se hacen visibles por la acción de los movimientos sociales, en su surgimiento, sus ideas y sus reivindicaciones se tornan proyecciones sociales y políticas para ser observadas. De esa forma el surgimiento de los movimientos sociales que luchan por territorialidad luego están en el contexto de las relaciones sociales, en ese sentido el político y el social están en la producción de su existencia como resistencia a procesos de mayor escala, como el modo de producción dominante, eso ocurre vía movimientos sociales que se apropian de espacios tornándolos territorios, de vida, de trabajo, entre otros. En ese abordaje, la junción entre el social y el político es imprescindible, es un punto inicial para las análisis del papel de los movimientos sociales, donde categorías de circunstancia (atingidos, sin tierra) se entrelazan a otras de sentido permanente (pueblos tradicionales, indios), donde a primera vista no hay predominancia de una clase, pero en la esencia son especificidades de clase (ALMEIDA, GOHN, MARX). Al constituirse como movimientos sociales que hacen lucha por la territorialidad, aparecen a los ojos de las clases dirigentes como siendo de sentido rebelde, de radicales, en fin de clase incomoda (SHANIN). En el eje Xingu-Transamazónica, polarizado por la ciudad de Altamira (PA) surge el MDTX (Movimiento en Defensa de la Transamazónica y Xingu). Por eso el procedimiento adoptado fue el cruce de informaciones agregándolas no sólo por sujetos-sujetantes y también como sujetos-sujetados dentro de las temáticas envueltas tales como: hidroeléctricas, lucha por la tierra, formación de latifundios, políticas gubernamentales, sean de dinámica local o no. Lo que sobresale en ese contexto es que en el espacio hay lucha por la territorialidad en bases de inserción social de grupos con una lógica de economía moral y que esa moral es expresa en las luchas de clase y esta ocurre también en los circuitos y escalas de mercado y en las territorialidades específicas, que son relaciones sociales reales, concretas e históricas.

En la resistencia cotidiana, los campesinos buscan en sus territorialidades, más directamente en el lote (unidad territorial familiar), articularse, con sus interlocutores, en acciones estratégicas de políticas socialmente justas principalmente visando el conjunto, de garantizar el territorio construido dentro de una fracción del espacio. Ellos se organizan y luchan por recursos/inversiones públicos como el FNO-Especial, crían asociaciones de pequeños productores para mejor vender a producción, trabajo hecho normalmente en familia, o cuando necesario hacen *mutirão* (auxilio gratuito que se prestan los pequeños agricultores de la redondaza, reuniéndose en determinado día para la realización de

trabajos, por ejemplo, coleccionar, quemar, plantar, en provecho de uno de ellos, que los recompensa con una fiesta o función), eso todo para insertarse en circuitos específicos de mercado, conforme su escala de producción social y de mercaderías. Como forma de agregar algún valor social y mejorar la calidad de la (re)producción social.

Atacados por los procesos de apropiación del mercado, derrucción y expropiación de territorio por el modo capitalista de producción, por sus diferentes territorialidades, indios y campesinos, que históricamente tienen (re)existido, en una rebeldía, como clase incómoda (SHANIN: 1972), contra estas reglas dichas de desenvolvimiento que son impuestas a determinados grupos sociales. No sin confronto con otros grupos sociales de intereses diversos y opuestos, como empleiteros, latifundiários, políticos sin preocupaciones sociales dignas, comerciantes, entre otros. En acciones recientes la CPT, el CIMI, los STRs, el MDTX y el MAB, influenciados, entre otros, por la Teología de la Libertación, forman una tela, una red, helos de resistencia social de transformación para el campo, más allá de su territorialidad local.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. *Universalização e Localismos: movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia*. In: Silveira, ISOLDA M. *et. al.* (org.) Amazônia e a Crise da Modernização. Belém. MPEG. 1994.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. Editora Loyola.

MARX, Karl. Miséria da Filosofia. São Paulo. Exposição do Livro. s/d.

SHANIN, Teodor. La clase incómoda Sociología política Del campesinado em uma sociedade em desarrollo (Rusia 1919-1925). Madri. Alianza Editorial. 1972.. Madri. Alianza Editorial. 1972.